

CAFÉ COM LETRAS

Lauro Augusto Bittencourt Borges



Zé, um caipira vencedor

Definitivamente, o personagem destas linhas é um cara que veio ao mundo para ser protagonista.

Março de 1972, no dia 19 o casal Lalo e Beth Noronha celebra o nascimento do segundo filho, batizado como José Ricardo. Nome composto que a vida se encarregou de simplificar entre os queridos: Ricardo, JR ou simplesmente o brasileiroíssimo Zé.

O pai, são-paulino fanático, de frequentar os bastidores do Morumbi, legou ao Zé essa paixão pelo tricolor. A trilha nômade de vendedor — Lalo foi um conhecido corretor de fazendas e equinos — e as temporadas constantes na fervilhante capital paulista sempre fascinaram o menino, que também admirava no genitor sua inabalável retidão de caráter.

A mãe, educadora, mulher de fibra, por conta das viagens profissionais do marido, se desdobrava entre o trabalho, a atenção aos filhos e a administração da casa.

Da infância e adolescência na crepuscular São João da Boa Vista, levou amizades genuínas que ele cultivava até hoje. Levou também uma robusta educação básica dos bancos do Externato Santo Agostinho e do tradicional Grupo Escolar Joaquim José, quando este ainda era notável por um ensino público de excelência.

E levou pra onde? Pra São Paulo, para o Brasil, para o mundo...

Sempre valorizou esse solo macaúbio como um referencial de raízes e memórias afetivas, mas enxergou desde cedo

LAURO AUGUSTO BITTENCOURT BORGES é bancário e membro da Academia de Letras de São João da Boa Vista

que as oportunidades de ganhar a vida estavam na metrópole. De Sanja pra Sampa.

Na Pauliceia graduou-se em Direito pela PUC. Fez também MBA Executivo Internacional pela FIA/USP, além de uma enormidade de módulos internacionais e especializações na França, Inglaterra e Estados Unidos. A academia era importante, mas botar a mão na massa urgia para o jovem sanjoanense.

Uma época de planos e dificuldades. Empregos incertos que não emplacavam. Uma época em que fogueira na Grande São João das origens o coração da pratense Evelise Moreti. O casamento em 1999 juntou eternamente as escovas de dente.

Primeira metade dos anos 2000, junto a um pequeno time de cinco pessoas, participou do início das operações da EnglishTown no Brasil. Era a chegada pioneira do conceito de Inglês Online ao país.

Dedicado na labuta, estudioso e dono de um raro senso de marketing pessoal, recebeu em 2004 o convite para ser vendedor na GlobalEnglish. Conquistou, com o passar dos anos, o posto de Diretor Geral no Brasil, multiplicando por 60 o faturamento da subsidiária brasileira e colocando-a como a maior unidade da empresa no mundo, com mais de 23.000 alunos. Em razão de prêmios por produtividade, seminários e treinamentos, conheceu o planeta em dezenas de eventos da corporação.

Há cerca de dois anos, o maior conglomerado de educação mundial, o selo Pearson, comprou a GlobalEnglish. Almejando um crescimento ainda maior, os novos controladores continuaram



depositando em JR Noronha absoluta confiança nas suas competências de líder e vendedor. O caminho natural para ele seria o mais alto cargo de gestão do grupo na América Latina.

Seria, mas não foi. Zé abriu mão de ganhos nada desprezíveis, de uma carreira consolidada e de uma promoção iminente. Pediu o desligamento da companhia para realizar um sonho.

O sonho de ser um palestrante profissional. O sonho de disseminar experiências de vida e de uma trajetória de sucesso para desenvolver nas organizações forças de vendas e formar dirigentes-líderes.

Obstinado e organizado, escreveu livros — Vendedores Vencedores foi o primeiro —, criou um site e perfis nas redes sociais, sacou sua network formada

em mais de uma década e foi a campo oferecer sua envolvente oratória.

Foi, falou, vendeu, palestrou e venceu.

Sua promissora labuta de conferencista já angariou como clientes, entre outros, Alphaville, Banco do Brasil, Bradesco, Brasil Foods, Caixa, Gafisa, Natura, Perdigão, PizzaHut, Sadia, Starbucks...

Os alunos dos prestigiados MBAs Internacionais da FIA também bebem ao vivo a retórica rica de JR. Ele leciona lá.

Cosmopolita e bem sucedido, leva a esposa para uma lua de mel anual na Big Apple. Pai da Maria Eugênia e da Ana Cecília, suas fontes de inspiração, ele mora muito bem com a família num condomínio na Grande São Paulo.

Orgulhoso da caipirice do torrão natal, quando aterrissa em Sanja, não dispensa

uma cerveja com petiscos de boteco, proseando solto junto aos amigos de décadas que tanto preza.

Arremato com um autoplágio. Fui um dos honrados a prefaciá-lo o primeiro livro do Zé. Assim lavrei:

“Bairrista incorrigível, sou destes que se orgulham dos amigos que saem da província e vencem na metrópole. José Ricardo Noronha é um vencedor. Vencedor porque é um profissional de referência na área de vendas. Vencedor porque é um pai de família exemplar. Vencedor porque valoriza suas raízes. Vencedor porque não esconde suas emoções. Lê-lo e ouvi-lo é essencial pra quem quer vender e vencer”.

É, Zé, esse mundão é ‘vêio’, surpreendente e não tem porteira!

CONSOANTES RETICENTES

Marcelo Pirajá Sguassábia



Um de carne e dois de queijo

Se você fosse assim, um grande vulto como diz, não estaria aqui vendendo pastel.

—Você fala de um jeito... Vergonha é vender pastel ruim. O pessoal vem aqui comprar ouro com recheio de carne, queijo e palmito, meu amigo. Estou muito bem com meus 50 mil por dia.

—50 mil reais?

—Não, 50 mil pastéis. A R\$ 3 reais cada um. Faz as contas.

—Nossa. Tá de brincadeira!

—Tendo em vista que 100% da humanidade considera o pastel frito a iguaria das iguarias, e sendo eu, o autor do melhor pastel do mundo, não tenho do que reclamar... Meu amigo, a verdade é que

MARCELO PIRAJÁ SGUASSÁBIA é redator publicitário e colunista em diversas publicações impressas e eletrônicas. Blog: www.cocoantesereticentes.blogspot.com e e-mail msgassabia@yahoo.com.br

muitos buscam a Deus, mas a maioria acaba cansando, baixa um pouquinho à expectativa e vem buscar pastel comigo.

—Mas...

—Ainda assim, fazem pouco do nosso ofício. Por exemplo, quando as pessoas usam a expressão fritar pastel no sentido figurado, querendo significar algo realizado às pressas, que se faz de qualquer jeito. Nada tão longe da verdade, pelo menos no meu caso. Se bem que, por outro lado, eu até acho bom que os outros pasteleiros fritem pastel mesmo, assim eu me sobressaio ainda mais. Existem pastéis e existe o meu pastel, compreende?

—E a garapa da sua banca? Vai me dizer que também é a melhor do sistema solar?

—É a única à altura da minha obra-prima. Mais cremosa impossível. Tem



certificação ISO desde 2002 e título de patrimônio imaterial da humanidade, pela Unesco.

—Espera aí, eu acho que...

—E digo mais: tá vendo aquele quadrinho do lado do alvará da prefeitura? É o autógrafo do Paul McCartney. Quando veio aqui pediu só de palmito, porque é vegetariano. Depois de se entupir, tirou foto com os empregados e saiu com dois rolos de massa de pastel debaixo do braço. Toda quarta-feira, às quatro e meia da manhã, o Alex Atala aparece na minha

barraca. Disfarçado, mas vem. Pede sempre dois de carne, um de palmito e se empapuça de garapa direto no bico da jarra, nem pede copo. Outra freguesa firme é a Glorinha Kalil. Mas essa eu nunca vi, a gente entrega a encomenda em casa. O Caetano, quando vem fazer temporada em São Paulo, liga pedindo uma boa remessa para o camarim dele. Aliás, numa das nossas conversas ele jurou que a minha banca fazia parte da letra de “Sampa”, mas no fim ele teve que tirar porque não dava rima...

—Mas você concorda que eles não admitem publicamente o vício do pastel, certo?

—Olha, você pensa o que quiser. Sua inveja não vai diminuir minha fama e nem minha autoestima. No tempo em que você está aí me atirando pedra, a assessora da Dilma me manda torpedos pedindo pra entregar duas dúzias no salão do Wanderley Nunes, pra presidente dar uma forrada enquanto corta o cabelo.

—Tá, no seu caso a distinta freguesia é distinta mesmo. Então porque não faz uma versão select da banca, com pastel de caviar e Prosecco?

—Porque ia ser um fiasco. A graça está na comida suburbana, no delito que a celebridade comete comendo de pé, com o sol castigando a carcaça, mosca pousando no nariz e correndo o risco de ter uma intoxicação alimentar por causa do vinagrete vencido. Se você quer saber, usar palito de dente é quase um fetiche sexual pra esses endinheirados. Aqui eles ficam mais à vontade que no banheiro das casas deles. E ainda tem a perspectiva de serem pegos pelos paparazzi, o que aumenta a adrenalina da empreitada. Eles gostam de correr perigo... e aí, mais um de queijo?

SNC

Seminário sobre o SNC será realizado na quarta-feira

Evento será realizado na quarta-feira, 21, às 13h, no Cine Theatro Avenida

TEREZA TUMA
terezatuma@opinhalse.com

Na próxima quarta-feira, 21, das 13h às 17h30, será realizado no Cine Theatro Avenida o Seminário Regional sobre o Sistema Nacional de Cultura (SNC) e o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC).

Rosa Cavagnoli, diretora de Cultura, ressalta a importância da participação da população no evento. “A participação de todas as pessoas envolvidas com a cultura de Espírito Santo do Pinhal, bem como da sociedade civil em geral, é de fundamental importância para a construção do Sistema Municipal de Cultura. A presença da sociedade civil

no seminário é imprescindível para o sucesso da construção do nosso SNC. Contamos com a participação de todos os segmentos culturais de nossa cidade, como atores, músicos, produtores, artesãos, profissionais de artes visuais —fotografia, vídeo e cinema—, dança, circo, literatura... Enfim, contamos com a participação de todos que, direta ou indiretamente, estão envolvidos com a cultura”.

O SNC

Inspirado no Sistema Único de Saúde (SUS), o Sistema Nacional de Cultura (SNC) se constitui em um instrumento de articulação entre as três esferas governamentais (união, estados e municípios), com ampla participação da sociedade civil para formular e implantar as políticas públicas de cultura, assegurando a sua continuidade como políticas de Estado e garantindo

a todos o pleno exercício dos direitos culturais, conforme determina a Constituição.

O SNC é integrado pelos sistemas municipais e estaduais de cultura e deve ser instituído por lei própria, que em seguida precisa ser encaminhada à Câmara de vereadores pelo prefeito.

Na lei devem estar previstos a estrutura e os principais objetivos dos componentes básicos do sistema.

O Departamento de Cultura ou órgão equivalente é o gestor do Sistema Municipal de Cultura. Além do órgão de cultura, há outros componentes básicos do SNC na esfera municipal, como o Conselho de Política Cultural, a Conferência de Cultura, o Sistema de Financiamento à Cultura (criação ou adequação de Fundo Municipal de Cultura) e o Plano Municipal de Cultura (com acompanhamento anual de cumprimento de metas viáveis

propostas para um prazo de dez anos.

MinC

O Ministério da Cultura (MinC) concedeu aos municípios que aderiram ao Sistema Nacional de Cultura o prazo de dois anos, contados da data da adesão, para construção dos sistemas municipais.

A partir da efetiva construção do Sistema Municipal de Cultura, os municípios receberão repasses de recursos mensalmente, a exemplo do modelo SUS.

Segundo Rosa Cavagnoli, a meta da Prefeitura Municipal e do Departamento de Cultura “é promover a construção do Sistema Municipal de Cultura de Espírito Santo do Pinhal no ano de 2014, a fim de que possamos estar aptos a receber os repasses de recursos desde o início do exercício de 2015”.

Para encerrar, disse que “considerando que no ano de 2013 realizamos a segunda Conferência Intermunicipal de Cultura com a participação de 15 municípios de nossa região, entramos em contato com a representação de São Paulo e do MinC para que pudéssemos sediar o seminário regional. Assim, poderemos proporcionar à população da cidade e dos demais municípios a possibilidade de se capacitarem para elaboração e construção de sistemas municipais de cultura que realmente atendam às necessidades, demandas e expectativas do segmento cultural”.

Inscrições

As inscrições podem ser feitas até terça-feira, 20, às 17h, no Departamento de Cultura.

Mais informações podem ser obtidas através do telefone 3651-2970 ou do e-mail cultura@pinhal.sp.gov.br.